

Artigo Original

Autossuperação da Rejeição

Self-Surpassing of Rejection

*Auto-Superación del Rechazo***Dayane Moreno***

* Graduada em Comunicação Social, Publicidade e Propaganda. Pós-Graduada em Marketing. Voluntária do Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia (IIPC).

dayane.moreno@gmail.com

Palavras-chave

Grupocarma
Posicionamento
Reciclagem

Keywords

Karmic group
Positioning
Recycling

Palabras-clave

Grupokarma
Posicionamiento
Reciclaje

Resumo:

Este artigo tem por objetivo apresentar técnicas de reciclagem que levaram a autora à autossuperação do processo de rejeição de seus pais biológicos e da repetição deste comportamento em outros momentos da vida. O método utilizado para tal processo partiu de reciclagens intuitivas, ajuda de tratamento psicológico, autoenfrentamento, e aplicação de técnicas conscienciológicas, tais como técnica do perdão, sobrepairamento, consciencioterapia e projeções conscientes. Conclui-se que, no caso em questão, dentro do mecanismo de seriexialidade e do envolvimento grupocármico através de interprisões, não há vítimas e algozes, há, sim, oportunidades evolutivas de reconciliação e libertação de relacionamentos negativos. Cabe a cada consciência se autopesquisar, entender os mecanismos que desencadeiam suas crises e posicionar-se para assumir mudanças em prol da autossuperação.

Abstract:

This article has for objective to present recycling techniques that lead the author to self-surpassing the process of her biological parents' rejection and of the repetition of this behavior in other moments of life. The method used for such a process started with intuitive recyclings, help from psychological treatment, self-confrontation, and application of conscienciological techniques, such as pardon technique, hovering over, conscienciotherapy and conscious projections. It is concluded that, in the case in question, inside of the existential seriation mechanism and the karmic group involvement through interprison, there are no sacrifice and executioners instead there are evolutionary opportunities of reconciliation and liberation of negative relationships. It falls to each consciousness to do self-research, to understand the mechanisms that unchain their crises and to position itself to assume changes on behalf of self-surpassing.

Resumen:

Este artículo tiene por objetivo presentar técnicas de reciclaje que llevaron a la autora hacia la auto-superación del proceso de rechazo de sus padres biológicos y de la repetición de este comportamiento en otros momentos de la vida. El método utilizado para tal proceso partió de reciclajes intuitivos, ayuda de tratamiento psicológico, auto-enfrentamiento, y aplicación de técnicas conscienciológicas, tales como, técnica del perdón, de sobrepairar, de Consciencioterapia y de proyecciones conscientes. Se concluye que, en este caso en cuestión, dentro del mecanismo de seriexialidad y de envolvimento grupokármico, a través de interprisões, no hay víctimas ni verdugos, sino oportunidades evolutivas de reconciliación y libertación de relaciones negativas. Cabe a cada conciencia auto-investigarse, entender los mecanismos que desencadenan sus crisis y posicionarse para asumir cambios en pro de la auto-superación.

Artigo recebido em: 12.07.2015.

Aprovado para publicação em: 20.08.2015.

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda a rejeição, comportamento comumente vivenciado intrafisicamente por diversas consciências. Segundo o autor Guy Winch (2014, p. 13):

As rejeições podem causar diferentes tipos de feridas emocionais, cuja gravidade depende da situação e da saúde emocional no momento em que ocorrem. Especificamente, as rejeições provocam uma dor emocional tão aguda que afeta nosso pensamento, nos enche de raiva, desestabiliza nosso senso fundamental de pertencimento e destrói nossa confiança e autoestima.

A rejeição da autora por seus pais biológicos mostra, neste estudo, seus efeitos de repetição na adultidade em outros contextos de relações, desencadeando desequilíbrios emocionais escondidos ao longo da vida.

Com base nessa contextualização, objetiva-se entender os mecanismos de superação da rejeição através de autoenfrentamento e autoconhecimento, a fim de encontrar a real causa da lacuna consciencial a ser encarada, sem emocionalismos, fugas ou qualquer terceirização de responsabilidade. Tem o intuito também de analisar a importância da autoassistência e interassistência, trabalhando em prol de reconciliações em relações tumultuadas com o grupocarma.

A escrita deste artigo visa compartilhar sua casuística a fim de poder auxiliar outras consciências que identifiquem afinidades com a situação apresentada e estejam em busca de reversão do referido contexto; mostrar os métodos utilizados para reciclagem com a aplicação de diversas técnicas evolutivas e, por fim, através da autoexposição consolidar a mudança íntima alcançada por meio da superação do processo de rejeição.

Na metodologia para a escrita deste trabalho, a autora centrou na exposição da sua experiência, descrição da ajuda psicológica que buscou para superar o primeiro trauma ligado à rejeição de seus pais, e em outro momento, as técnicas conscienciológicas usadas para superar a rejeição vivida com a família do marido.

O artigo está estruturado em duas seções: I. Resgate Histórico e II. Processo Terapêutico.

I. RESGATE HISTÓRICO

Visando elucidar o contexto do laboratório consciencial da pesquisadora ao vivenciar a autossuperação da rejeição, aqui se apresenta relato do histórico da sua vida intrafísica, em momentos relacionados à temática. A primeira rejeição experimentada é relatada a seguir.

PRIMEIRA REJEIÇÃO

Logo ao nascer, a autora foi rejeitada pelos pais, pois ambos não a assumiram, por imaturidade, falta de responsabilidade e por não ter sido uma gravidez desejada.

Apesar disso, ela passou seu primeiro ano de vida com a mãe, que não tinha condições psicológicas e nem financeiras de cuidar da filha. O pai também não a assumiu e, durante esse período avô, avó, tios e tias, cuidavam-na quando a mãe permitia.

Vendo uma oportunidade de apoio, a mãe chantageava a família, querendo ganhos financeiros, até que os avós se posicionaram e entraram na justiça com um pedido de adoção. A mãe abriu mão da guarda da filha, em meio a um processo judicial de comum acordo, e, quando a autora tinha um ano e sete meses, foi adotada legalmente por seus avós, que a partir de então se tornaram seus pais.

INFÂNCIA

A autora teve uma infância feliz e saudável, rodeada por uma família grande, pais responsáveis e preocupados com sua saúde e muitos primos para brincar. Não soube do processo de adoção até os sete anos de idade. A família não contou, e até então para ela, tudo era normal em seu cotidiano, pois considerava que apenas tinha pais e irmãos mais velhos que o comum.

Ao descobrir que não era filha daquela que considerava ser a sua mãe, reagiu tranquilamente, pois naquele momento isso não lhe era importante. No entanto, para a família adotiva, essa situação era algo considerável, e ocasionou na mãe adotiva e irmãs, provavelmente por medo de a menina ter interesse em conhecer a mãe biológica, a atitude de criar uma história irreal.

Relatavam à autora o quão cruel aquela mulher havia sido. Diziam que, por falta de cuidados para com ela, quase a deixou morrer, além de agredi-la provocando diversos traumas. Sobre o pai, nada se comentava; afinal, ele era o filho de sua mãe adotiva e ela o protegia, eximindo-o da responsabilidade pela filha no momento da adoção.

O pai biológico, por sua vez, seguiu a sua vida, casou-se e teve outros filhos, sendo que às vezes buscava um reencontro, afirmando que deixaria uma herança a ela para compensar o abandono.

Ao passar o tempo, e com a afirmação constante de histórias terríveis sobre sua mãe biológica, a autora criou uma mágoa muito profunda da situação, e isso lhe causava dor e tristeza. Entretanto, sempre escondeu esses sentimentos e evitou falar sobre seu passado.

PERSONALIDADE

Ao analisar o contexto, foi observado que o sentimento de rejeição surgiu a partir das histórias ouvidas. Não era o processo de adoção e abandono em si que causavam dor e sentimento de menos-valia, mas sim as histórias fantasiosas sobre sua mãe.

A fim de ressaltar trafores que auxiliaram no processo de autossuperação dirimindo trafores, aqui expostos, de modo breve, duas qualidades, em ordem alfabética:

1. **Comunicabilidade:** a habilidade de comunicação facilitava a aproximação de quem quisesse e, através disso, construía laços fortes de amizade e carinho. Assim, ao longo dos anos, foi fortalecendo a autoestima e levando sua vida sem muitos enfrentamentos.

2. **Liderança:** a formação de muitos grupos de amigos e a dependência dos mesmos por ela, era uma maneira de *driblar* o sentimento de rejeição, se autoafirmando na liderança dessas turmas.

O perfil de líder e a comunicabilidade muito desenvolvida ajudaram a conviver com as dificuldades. Contudo, percebe-se que a liderança, em alguns momentos, serviu como defesa de ego buscando angariar o maior número de pessoas possíveis ao seu lado para esconder os sentimentos de rejeição e experimentar o sentimento de pertencimento e aceitação.

ADULTIDADE

Em 2011, com 26 anos, tinham sido obtidas muitas conquistas: independência dos pais, conclusão da graduação e pós-graduação, aquisição de casa e automóvel próprio, além da realização de intercâmbio e viagens. Estava à frente das outras pessoas com a mesma idade, o que era motivo de orgulho para sua família e para todos que conheciam suas origens.

Ao longo da vida, aplicando os trafores de liderança e comunicabilidade, conseguiu lidar com as pessoas e situações difíceis, e de solucionar problemas sem causar desentendimentos e brigas.

Porém, ao envolver-se amorosamente com um homem que se encontrava em contexto nebuloso de separação conjugal e em relação simbiótica com os familiares, resistentes à mudança dele, a autora não conseguiu espaço suficiente para conduzir a situação ao seu modo como sempre ocorrera até então.

Teve de lidar com novo cenário, causando-lhe muita dor. Nesse contexto, teve a fase mais difícil da vida, e caiu da altura de seus melhores momentos ao chão da depressão.

SEGUNDA REJEIÇÃO

A segunda rejeição encarada pela autora foi mais difícil que a rejeição na infância, pois o processo vivido na adultidade trouxe toda a carga emocional que até então permanecia escondida através dos mecanismos de defesa do ego. E, por ser uma situação inusitada, a fez se sentir fraca por não conseguir superar e resolver a seu modo e conseqüentemente resultou em baixa autoestima pela sensação de impotência diante do problema relacional.

A pesquisadora conheceu o atual marido, que estava em um processo de separação de seu primeiro casamento, com dois filhos pequenos e muitas dificuldades. Apesar disso, a conexão entre eles foi muito forte desde o começo e a sensação era de reencontro, tamanha afinidade entre ambos. Por isso, a autora não mediu esforços em ajudá-lo naquela situação e se dedicou ao novo relacionamento.

Durante alguns meses, no processo final da separação, houve muitas brigas e mal-entendidos entre ele, a sua família e a ex-mulher. Afastada dessa situação, ao iniciar o relacionamento, a autora não entendia o porquê de seu novo namorado não a envolver em seu contexto familiar: filho único entre seis irmãs e muitos sobrinhos.

Por longos meses, foi impedida de conhecê-los, mas com o passar do tempo essa situação se tornou insustentável e tomou-se a decisão de encontrá-los. Alguns dos familiares foram muito acolhedores, por exemplo, a mãe. Mas, outros se manifestaram de modos hostis e preconceituosos, o que fez, novamente, o sentimento de rejeição aflorar.

Eis exemplo: houve situações em que algumas das cunhadas faziam comparações sem sentido, e criavam situações que a excluía do contexto familiar; energeticamente, era possível perceber a hostilidade presente. A ex-mulher assumiu o papel de vítima e, ao olhar da família, o novo casal merecia ser excluído.

A convivência com o novo grupocarma conduziu a autora às seguintes manifestações nosográficas, discriminadas na ordem alfabética:

1. **Autoassédio.** A sensação de menos-valia, devido ao sentimento de exclusão, fazia com que a autora se julgasse fraca por manter-se em uma situação ruim e não tomar nenhuma atitude para sair do contexto, ingênua e tola por aguentar o descaso da família e mesmo assim se manter no relacionamento. Muitas vezes, a tristeza por não conseguir resolver esses problemas a trazia para pensamentos patológicos suicidas e barotróficos recorrentes.

2. **Obnubilação (falta de lucidez).** Embora apenas alguns integrantes da família houvessem tomado postura antagônica com o novo casal, a autora não conseguia distinguir uns dos outros, e considerava todos eles pessoas preconceituosas e maldosas das quais queria distância. Tais atitudes de emocionalismos prejudicavam a relação com o namorado, pois cobrava dele diariamente um posicionamento rude para com todos e exigia que trouxesse soluções para acabar com as hostilidades.

3. **Somatização.** Com a depressão aflorando cada vez mais e o sistema nervoso atacado, os problemas de saúde começaram a aparecer. Crises de choro eram diárias e infecções tornaram-se recorrentes. No período de um ano, a autora teve oito infecções urinárias, algumas delas com sérios riscos de atacarem os rins.

A pressão energética e psicológica e a falta de lucidez e autoposicionamento provocaram um processo muito doloroso de rejeição, que causava debilidade e a partir do autoassédio abria a porta ao heteroassédio, que levava a um baixo padrão pensênico, resultando na depressão. Chorava compulsivamente cada vez que encontrava com membros da família do companheiro e, a cada vez, patopensenzava mais e mais sobre a postura que adotaram, até que resolveu buscar ajuda psicológica.

II. PROCESSO TERAPÊUTICO

TERAPIA CONVENCIONAL

Em processo de terapia convencional, a psicóloga decidiu investigar as causas dos sintomas e constatou que estava sofrendo um duro processo de rejeição, desencadeado não apenas pela situação enfrentada com a família do companheiro, mas refletindo nesse cenário os problemas malresolvidos da primeira rejeição, dos pais biológicos.

Sair do papel de vítima e ter lucidez para resolver os problemas que estava enfrentando foi um processo profundo e doloroso. Durante as sessões do tratamento, analisaram todos os períodos traumáticos da infância, relacionados ao medo que a autora criou relativo à figura materna, que, segundo seus familiares, a maltratou e abandonou à própria sorte.

Com lucidez aumentada, colocou-se no lugar daquela mulher, grávida e desamparada, com uma criança indesejada em sua vida. Compreendeu que não era uma situação fácil e que não deveria se importar tanto com aquelas circunstâncias e reviver aqueles momentos, pois o bem mais precioso ela teve através dessa mulher, que foi a sua vida.

O processo de perdão a libertou dos sintomas da rejeição. Ao saber lidar com essa situação, seus demais problemas em outros relacionamentos, ligados à rejeição, ficaram mais fáceis de resolver. Sobrepassando cada situação, com empatia e discernimento, foi cada vez mais fácil analisar o que de melhor deveria ser feito, sem imaturidades e com Cosmoética.

CONTEXTO CONSCIENCIOLÓGICO

Após meses tentando se relacionar com algumas pessoas da família do marido, então namorado, não via avanço nos laços pesados e cheios de rancor que se criaram. Ainda se via como vítima na situação. Paralelamente, em 2013, a autora iniciou os estudos na Conscienciologia, e começou a ter visão mais ampla dos contextos grupocármicos e da própria responsabilidade naquela interprisão gerada. Passou, então, a buscar a autorreciclagem e técnicas que possibilitassem resolver as lacunas ligadas ao processo de rejeição. Por fim, mudou a postura pessoal, abandonando a autovitimização e assumindo responsabilidade em seu processo de autocura.

TÉCNICAS ADOTADAS PARA A RECICLAGEM

No período de novembro de 2014 até o momento de elaboração deste artigo (junho de 2015), a autora aplicou duas técnicas para promover uma reciclagem intraconscional relacionada com a rejeição.

TÉCNICA DO PERDÃO (BALONA, 2015 P. 197)

A utilização dessa técnica, na casuística pessoal, pode ser detalhada da seguinte maneira:

1. **Posicionamento.** Não buscou mais justificativas para as próprias dificuldades, assumiu que a mudança deveria partir dela, e não das demais pessoas envolvidas no contexto.

2. **Responsabilidade.** Internalizou a sua responsabilidade pela dissolução de seus problemas e buscou por si ajuda para suas reciclagens.

3. **Isenção.** Não tomou partido nas relações com as pessoas de seu convívio, nem assumiu atitudes arrogantes de “bondade forçada” ou de superioridade com ninguém. Passou a entender o nível evolutivo de cada consciência, e a partir disso analisar em separado a situação conflituosa e falta de maturidade dos indivíduos, das consequências dos atos que cometem em suas manifestações. Não pensar mal das pessoas e, sim, nas soluções que podem ser propostas é um avanço no combate à patopensividade.

4. **Prioridade.** Teve pressa para evoluir e não admitiu negligências e atrasos injustificáveis para acelerar o seu nível de automaturidade.

5. **Otimismo.** Não se deixou autoflagelar remoendo situações negativas vivenciadas com o grupo. Ficar revivendo esses momentos serve apenas para abrir as portas ao assédio entrar.

Resultado: abandonou ilusões infantis de ser “aceita” no grupo, o que evitou desilusões a partir da criação de expectativas. Compreendeu o nível evolutivo das pessoas envolvidas no processo familiar, sobreparou o cenário, e parou de patopensivizar sobre a situação. Assumiu uma postura de assistente, desassediando seus pensenes e doando suas melhores energias cada vez que se encontrava com elas.

CONSCIENCIOTERAPIA

Em janeiro de 2015, após realizar a Consciencioterapia na Organização Internacional de Consciencioterapia (OIC), em Foz do Iguaçu, foi possível, com a ajuda dos voluntários, conseguir analisar a situação que estava vivenciando com mais lucidez, deixando o emocionalismo de lado.

As técnicas aplicadas durante as sessões promoveram uma visão panorâmica dos conflitos grupocármicos vivenciados e superados ao longo da sua atual vida intrafísica. Analisou os trafores que a auxiliaram na autossuperação da rejeição e de trafores que tinham de ser superados para facilitar o processo de perdão.

Constatou-se que o contexto inserido em sua vida, através da família do marido, poderia ser utilizado como laboratório para qualificar seu nível de assistência e para liberação de interprisões. Máxima conscienciológica: *O menos doente ajuda o mais doente.*

Ainda, com o propósito de promover a autossuperação da rejeição, em maio de 2015, vivenciou uma projeção consciente durante um curso ministrado em Curitiba, que tinha como objetivo a mega-assistência grupal.

Durante tal experiência, a autora reconhece ter obtido ajuda de muitos amparadores, que juntos auxiliaram a saída de seu psicossoma do soma e a levaram para uma comunidade extrafísica (comunex), na qual foi envolvida em um contexto de abandono e rejeição de uma criança.

Bancando energeticamente o drama daquelas consciexes e com lucidez, a autora conduziu a mãe a aceitar sua filha abandonada na rua por muitos anos. Foi promovido um processo de aceitação e quebra da rejeição quando a filha foi acolhida.

Aquela projeção consciente teve repercussões muito profundas na autora, que comprovou sua reciclagem intraconsciencial, passando de assistida a assistente, promovendo reconciliações, com propriedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo o aprendizado da autora, constatou-se que a autossuperação da rejeição liberta a consciência de padrões patológicos que causam atrasos evolutivos e interprisões grupocármicas. Ao sair do papel de vítima, sem ater-se ao infantilismo do bem e mal, certo e errado, analisando cada consciência com toda sua complexidade, é possível assumir posturas mais assistenciais e empáticas. Ao analisar essas relações no viés da mul-

tiexistencialidade e da multidimensionalidade, conclui-se que não há vítima e algoz. Há, sim, relações mal resolvidas e presas por sentimentos negativos.

Considerando que cada consciência é responsável por sua evolução e por encontrar, por meio da auto-pesquisa, as lacunas a tratar, torna-se de suma importância aproveitar o grande laboratório da vida intrafísica, para aplicar técnicas, superar as dificuldades e promover reconciliações.

O posicionamento pessoal da autora em autoconhecer-se, enfrentar crises e superar as dificuldades mostraram avanços significativos nos processos de reciclagem e, por consequência, na qualificação da assistência prestada ao grupocarma em questão.

Por meio deste estudo, constatou-se que é possível mudar de patamar evolutivo e abandonar posturas que causam estagnação evolutiva. Com disciplina, posicionamento e cosmoética, mudar depende de cada consciência; não cabe a ninguém mais realizar essa tarefa. No caso em questão, deixar de ser a assistida e tornar-se a assistente, através do exemplarismo de autossuperação, mostrou-se um caminho contínuo e que pode ser adotado por quem busca potencializar a sua evolução consciencial.

REFERÊNCIAS

1. **Balona, Málu; *Autocura através da Reconciliação: Um Estudo Prático sobre a Afetividade***; apres. Daniel Muniz; pref. Cristina Arakaki; pref. 1ª Edição Marina Thomaz; revisores Alexander Steiner; *et al.*; 342 p.; 2 seções; 11caps.; 20 cenografias; 18 *E-mails*; 1 entrevista; 56 enus.; 2 escalas; 3 esquemas; 125 expressões e ditos populares; 72 filmes; 1 foto; 10 gráfs.; 6 ilus.; 25 info-gráficos; 1 microbiografia; 5 quadros sinópticos; 4 questionários; 2 tabs.; 18 técnicas; 5 teorias; 15 *websites*; glos. 86 termos; 324 refs.; 2 apênds.; alf.; 21 x 14 cm; br.; 3ª Ed. rev. e aum.; *Associação Internacional Editares*; Foz do Iguaçu, PR; 2009; página 197.

2. **Winch, Guy; *Como Curar suas Feridas Emocionais***; *E-book*; 272 p.; 7 caps.; *GMT Editores*; Rio de Janeiro, RJ; 2014; página 13.

